

## **A VIDA NAS CORRESPONDÊNCIAS: TRAJETÓRIA E DESDOBRAMENTOS DO ACERVO PAULO HECKER FILHO NO DELFOS – ESPAÇO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL/PUCRS**

Yuri Daniel Hahn da Silva<sup>1</sup>

### **Introdução**

Dono de uma obra poética, narrativa e dramática, e de uma longa produção crítica nas páginas de jornais e revistas literárias, Paulo Hecker Filho (1926-2005) legou também à cultura sul-rio-grandense um imenso acervo epistolar, fruto do acúmulo de mais de cinco décadas de intensa atividade missivista. O acervo do escritor, poeta e crítico literário forma parte do patrimônio físico do Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural), da Biblioteca da PUCRS. Nele se revelam os fundamentos essenciais do gênero epistolar: desde as formas, procedimentos e estilos, até o estabelecimento de redes e práticas de arquivo que possibilitam recriar os rastros da atividade intelectual de seu autor e de sua rede de sociabilidade.

Neste trabalho, portanto, buscamos recuperar a trajetória do acervo epistolar de Hecker Filho no Delfos e os procedimentos postos em curso para sua conservação e pesquisa. Disso, expomos três desdobramentos, no que se refere ao contato com o conteúdo das cartas: primeiro, a identificação de uma rede de sociabilidade e a sua importância para situar o autor em relação a um campo literário; segundo, a definição do gênero carta, sob o aspecto de sua temporalidade, e caracterização enquanto documento expressivo; e por fim, o aspecto da escrita de si, a revelação perante o outro e o encontro de um bastidor biográfico de sua trajetória intelectual.

### **1 Histórico do acervo no Delfos**

Fundado em dezembro de 2008, o Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural) passou a reunir acervos históricos da Faculdade de Letras (FALE), Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da PUCRS<sup>2</sup> em um espaço reservado no sétimo pavimento da Biblioteca Central Irmão José Otão.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português (8º semestre) pela PUCRS. Bolsista do projeto de pesquisa “Catalogação da correspondência de Paulo Hecker Filho”, orientado pela Profª. Drª. Regina Kohlrausch, de abril de 2023 a agosto de 2025. E-mail: yuridanielh@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3040228578701177>

<sup>2</sup> Na atual organização da Universidade, tais estruturas hoje fazem parte da Escola de Humanidades, da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos e da Escola Politécnica.

Com a incorporação destes ao inventário da biblioteca, ampliou-se a capacidade de preservação dos materiais, agregando condições propícias para o armazenamento dos diversos itens de pesquisa. Atualmente, o Delfos conta com mais de quarenta acervos, dentre os quais os do arquiteto Theodor Wiederspahn, do industrial e colecionador Benno Mentz, do linguista Celso Pedro Luft e de diversos escritores, como Caio Fernando Abreu, Dyonélio Machado, Lara de Lemos, Lila Ripoll, Luiz Antonio de Assis Brasil e Moacyr Scliar.

Na área de estudos da Literatura, o conjunto está incluído no lastro de pesquisas desenvolvidas desde 1993, quando foi criado o Grupo de Pesquisa Acervos de Escritores Sulinos, dedicado à organização, preservação e divulgação de acervos de intelectuais de relevo para a literatura sul-rio-grandense, como Dyonélio Machado, Erico Veríssimo, Reynaldo Moura, Josué Guimarães e Pedro Geraldo Escosteguy, além da coleção de fotos da *Revista do Globo* e do Banco de Textos Raros. A partir disso, têm-se reunidos os elementos necessários à pesquisa, em caráter teórico e aplicado, nas áreas de História da Literatura e de Literatura, História e Memória Cultural. Nessa perspectiva, os acervos atuam enquanto patrimônio cultural; que, por sua vez,

[...] tem como suporte, sempre, vetores materiais. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial, pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. As diferenças não são ontológicas, de natureza, mas basicamente operacionais (Meneses, 2009, p. 31).

A consolidação do espaço do Delfos trouxe à Universidade um movimento de incorporação de novos acervos, em um primeiro momento a partir de aquisição, e, posteriormente, via doação pelos herdeiros e signatários dessas figuras. Disso que, em maio de 2009, passa a fazer parte do patrimônio do Delfos o acervo literário e epistolar de Paulo Hecker Filho. Os dados de seu primeiro ano de organização estimavam a existência de 425 jornais, 1.391 manuscritos e 11.263 cartas, dentre outros materiais, a partir do tombamento dos volumes recebidos.

Desde então, os materiais têm sido trabalhados com fins sobretudo de acondicionamento e posterior catalogação na plataforma Aleph, de uso interno da biblioteca, pondo-os à disposição de pesquisadores interessados em seu conteúdo. Alguns desses procedimentos ocorrem de forma concomitante, à medida da disponibilidade de recursos e de bolsistas lotados para a função (conforme fluxo de trabalho exposto na Tabela 1).



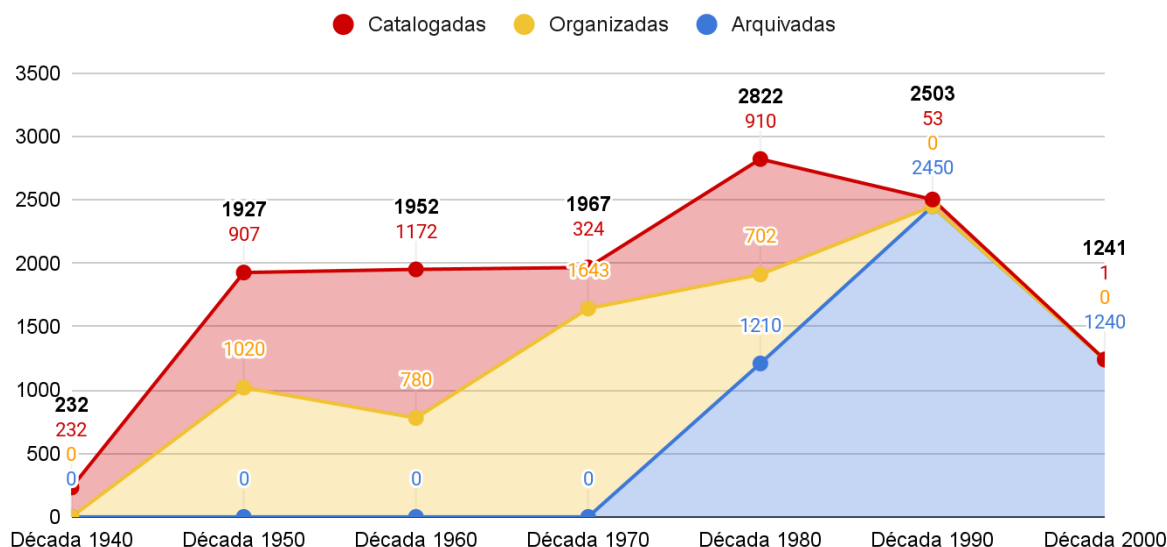
**Tabela 1** – Fluxo de trabalho no Acervo Paulo Hecker Filho

Etapa	Período de atividade	Procedimentos	Temporalidade
Tombamento	2009-2010	Registro de entrada, higienização, envelopamento	Integral
Acondicionamento	2009-presente	Separação e acondicionamento em papel neutro	1948-1982
Organização	2009-2024	Organização cronológica	Integral
Catálogoação	2009-presente	Registro na plataforma Aleph	1951-66, 1972-73, 1983-89

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos relatórios do projeto (2009-2025).

No presente momento, o volume de correspondências integraliza 3.599 unidades catalogadas e 4.145 unidades acondicionadas e organizadas em ordem cronológica (disponíveis para catalogação), além de um volume estimado de outras 4.900 unidades somente armazenadas, ainda em fase de organização. Para relacionar a temporalidade do acervo às etapas de trabalho, utilizamos um gráfico de áreas empilhadas (ver Gráfico 1). Nele temos, para cada década, um número total de itens (em preto), e uma área, preenchida por cores, que corresponde a cada etapa. Sendo assim, percebe-se: uma integralização da etapa de armazenamento até a década de 1970; relativo equilíbrio entre as etapas de organização e catalogação, que ocorrem concomitantemente e alcançam, hoje, grande parte do acervo, até a década de 1980; e o estágio menos avançado das décadas de 1980, 1990 e 2000 – essas duas últimas com números já totalizados em relação à etapa de armazenamento e praticamente irrisórios quanto às demais etapas (organização e catalogação), até o momento.

**Gráfico 1** – Número de volumes (correspondências) por etapa



Fonte: elaborado pelo autor com base nos materiais do acervo.

Cabe destacar: optou-se, na progressiva implementação dos procedimentos de catalogação, pelo ordenamento das correspondências em ordem cronológica. Originalmente, como é de praxe no arquivamento com fins pessoais, haviam agrupamentos conforme autorias, grupos de convívio, temporalidades, estando muitas das cartas dentro dos envelopes originais e, não raro, dobradas e/ou amassadas. Segundo Ricoeur, na constituição de um arquivo:

Assume o primeiro plano a iniciativa de uma pessoa física ou jurídica que visa a preservar os *rastros* de sua própria atividade; essa iniciativa inaugura o ato de fazer história. Vem em seguida a organização mais ou menos sistemática do fundo assim posto de lado. Ela consiste em medidas físicas de preservação e em operações logísticas de classificação dependentes quando necessário de uma técnica elevada ao nível arquivístico. Ambos os procedimentos são postos a serviço do terceiro momento, o da consulta do fundo dentro dos limites das regras que lhe autorizam o acesso (Ricoeur, 2014, p. 178, grifo nosso).

Visando melhor sistematização e uma otimização das buscas no acervo, a organização, sem abandonar os critérios do autor, privilegiou o ordenamento cronológico. Tal medida possibilita, também, hoje, um controle a respeito da quantidade total de materiais já catalogados e aqueles em vista de serem realizados. Além disso, cada material passou por procedimentos técnicos de armazenamento, tendo sido acondicionado em papel neutro, higienizado, planejado e registrado com número de sistema próprio em cada componente (páginas, envelopes, anexos etc.).

Nesse ínterim, destaca-se uma característica importante da prática epistolar de Paulo Hecker Filho: para cada carta, redigida à máquina de escrever, o autor elaborava uma primeira versão, que recebia correções à caneta e ajustes de texto; depois, reescrevia o seu conteúdo, em uma versão final, que seria assinada e remetida ao seu destinatário. Aquela primeira, por sua vez, era retida com o seu autor para consulta, e passava a constituir o seu acervo pessoal, junto às missivas recebidas. Isso não só possibilita, atualmente, um trabalho de pesquisa com menos lacunas, como também constitui uma espécie de “costura” das missivas pelos seus fios de condução (quem inicia o diálogo, a quem se transmite, como reagem cada uma das partes etc.).

Retomando Ricoeur, compreende-se que o arquivo se apresenta “como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de *rastros* que cuidadosamente distinguimos do *rastros cerebral* e do *rastros afetivo*, a saber, o *rastros documental*. Mas o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social” (Ricoeur, 2014, p. 177, grifos nossos). Na materialidade do acervo de Hecker Filho, encontram-se a sua correspondência ativa e passiva com diversos agentes da cultura sul-rio-grandense e de figuras presentes em centros culturais, alguns mais, outros menos próximos ao autor.

## 2 O autor e sua rede de sociabilidade

Ao se deparar com o material de um intenso missivista, tem-se diante de si a formação de uma rede de sociabilidade que se estende para diferentes regiões e mesmo posições sociais em que estão posicionados seus membros. Ao longo dos anos, desenvolvem-se, em maior ou menor intensidade, diálogos com intelectuais ora em grau simétrico de capital cultural, ora assimétrico, havendo inclusive inversões dessas posições ao longo do tempo (figuras pouco conhecidas, iniciantes, que tinham o autor como referência e o “ultrapassaram” em repercussão cultural e vice-versa).

Questão fundamental na concepção de mundo de Hecker Filho, importa observar as dinâmicas estabelecidas entre a Província (Porto Alegre e o Rio Grande do Sul) e as metrópoles (podendo ser representadas, a partir da correspondência do autor, por Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Lisboa). É tema comum o descontentamento com a posição “provinciana” de uma Porto Alegre que não supera a sua condição, recuperando, nessas localidades, intelectuais que situem o autor perante as “grandes movimentações” do espaço artístico-literário que almejava alcançar.

Dessa forma, têm destaque as correspondências trocadas com Oswald de Andrade e Mario de Andrade, em São Paulo; Otto Maria Carpeaux, Paulo Armando (e deste, o acesso a

outros intelectuais, como Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos e Manuel Bandeira) e J. M. Delgado Tubino (da mesma forma, sobretudo o acesso a João Cabral de Melo Neto), no Rio de Janeiro; António Quadros e Teixeira de Pascoaes, em Lisboa; e Victoria Ocampo, Raúl Navarro e Guillermo de Torre, em Buenos Aires. Sobressalta, principalmente, o acesso a figuras relevantes nos anos iniciais de produção, na época da Revista *Crucial* (1951-54):

Fui ao Rio e no Hotel estiveram Carlos Drummond e Cyro dos Anjos. E para minha surpresa eles rasgaram o jogo bruto de vocês, aí em Pôrto Alegre. O Cyro escreveu num papelzinho o endereço do Guilhermino César que me poria em contato com vocês (Andrade, 1952 apud Hecker Filho, 1952).

Também no âmbito regional, Hecker Filho participa das relações dos grandes nomes da literatura sul-rio-grandense. Está próximo, na década de 1950, de intelectuais de prestígio na academia e no debate público, como Guilhermino Cesar, Walmir Ayala e Wilson Martins. Durante os anos 1960, envia insistentes missivas a Erico Verissimo, nem sempre correspondidas. Já nos anos 1970, inicia uma profícua troca com Moacyr Scliar, com quem constitui, entre missivas recebidas e enviadas, cerca de cem cartas, atravessando desde os anos iniciais da produção do escritor até a sua consagração, em torno dos anos 1990 e 2000. Certa feita, Scliar (1985) diz: “Meu caro Paulo, muito obrigado por tua carta. Proust achava que um escritor não precisa mais de cem leitores, eu acho que este número pode se reduzir a um décimo – desde que os leitores sejam clones de Paulo Hecker Filho”<sup>3</sup>.

A carta, enquanto materialidade, revela as costuras, os diálogos e as tentativas de afirmação que Hecker Filho alcançou. Ao propor diálogos com diferentes agentes da cultura, sobretudo ligados à sul-rio-grandense, o autor constituiu a sua posição em relação ao *campo literário* em que esteve situado. Para Bourdieu (1996, p. 261),

O campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições [...]. Cada posição é objetivamente definida por sua relação objetiva com outras posições ou, em outros termos, pelo sistema das propriedades pertinentes, isto é, eficientes, que permitem situá-la com relação a todas as outras na estrutura da distribuição global das propriedades. Todas as posições dependem, em sua própria existência e nas determinações que impõem aos seus ocupantes, de sua situação atual e potencial na estrutura do campo, ou seja, na estrutura da distribuição das espécies de capital (ou de poder) cuja posse comanda a obtenção dos lucros específicos (como o prestígio literário) postos em jogo no campo.

<sup>3</sup> Trecho de uma carta de Moacyr Scliar a Paulo Hecker Filho, 02 set. 1985. Acervo Paulo Hecker Filho. Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural (transcrição).

A correspondência de Hecker Filho possibilita situar um elo (ou costura) entre as *tomadas de posição* (Bourdieu, 1996), quer sejam as polêmicas, embates e pressupostos críticos levados à público, quer sejam os espaços frequentados pelo autor. Nela, são observados os mecanismos de entrada e os meios de acesso a tais ambientes, identificando com quem se relaciona, quais redes são construídas e quais portas são abertas ou fechadas à sua presença.

### 3 Estudar cartas hoje

Nos termos de uma pesquisa memorialística, o estudo de correspondência revela um eixo particularmente interessante: ao colocar-se diante do outro, no corpo da carta, aquele que escreve *registra* os atos de fala. Tomados à distância no tempo, tais registros corroboram para a identificação dos rastros da atividade intelectual dos interlocutores, mais feliz quando a resposta dada à carta também pode ser recuperada. A leitura da carta, a partir do arquivo, portanto, possibilita o encontro com o diálogo escrito, em uma forma de acesso que não é possível às conversas telefônicas, face-a-face ou de qualquer outro meio.

No ensaio intitulado *A era das cartas*, Compagnon (2014) reflete sobre o encontro, na respectiva década, com os hábitos e fundamentos da troca de correspondências, bem como a importância delas para a sua relação com Roland Barthes e outros intelectuais. Nele, o autor retrata o “encontro” consigo em uma outra época – “O que tenho a ver com aquele que a recebeu há quase meio século?” (Compagnon, 2014, p. 25) – e como a sua materialidade contribui enquanto testemunho e reconstituição. Sobre a relação com um colega, diz: “Suas cartas testemunham seus progressos na redação, os obstáculos que ele encontra, as dúvidas que o assolam” (Compagnon, 2014, p. 97). Mais ainda, ao recuperar o método de Roland Barthes, conta que este registrava suas conversas em fichas, “para preservar o rastro” (Compagnon, 2014, p. 116); “Eu não registrava nada na hora, mas agora tiro de suas cartas o que falar daquele tempo, como se elas fossem fichas que ele me deixou” (Compagnon, 2014, p. 116).

Objetos de um tempo passado, as cartas – situadas noutra *era*, como proposto por Compagnon – possibilitavam acesso e reapropriação de diálogos, através dos arquivos pessoais. A resposta, dada oportunamente, requeria, de certo modo, uma etapa de elaboração e reflexão, assim como a transposição da mensagem de um âmbito abstrato à escrita – em seus métodos de organização distintos da fala. Hoje, dadas as formas de comunicação estabelecidas, a predominância da esfera digital e a imediatez com que o diálogo se interpõe, a troca de cartas não se tornaria possível a não ser dissociada de um uso regular, veiculada, se fosse, de forma anacrônica e forçosa.



Para quê, então, importa o estudo de cartas? Para que, a partir delas, se obtenha um panorama dos discursos que recriam a realidade do momento em que foram produzidas. Segundo Vasconcellos (2008), as cartas podem ser enquadradas como “documentos expressivos”, junto com as biografias, os diários e as autobiografias. Mais ainda, trata-se de compreender a carta enquanto gênero discursivo (Bakhtin, 2011) que, no âmbito de sua utilização, levava consigo um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional determinados pela especificidade do campo da comunicação epistolar, e que, ainda hoje, veicula os rastros para a compreensão do sistema literário em torno de quem as detém.

Afinal, no arquivo que se compõe de correspondências, é possível encontrar uma segunda camada de sentido que revela, por trás do material público – as publicações (seja na literatura, seja na imprensa) – o caráter pessoal da relação entre o autor e os demais componentes do campo literário. À primeira vista, a carta pode ser entendida como um gênero discursivo primário, dentro das categorias propostas por Bakhtin (2011), voltada à comunicação interpessoal. Todavia, quem escreve a carta, ao colocar-se diante do outro, atua recriando a sua presença física através do discurso (Foucault, 1992). Daí que a carta atue enquanto gênero secundário, onde o autor perfaz a *escrita de si*.

Ao colocar-se diante do outro através da carta, aquele que a escreve expõe suas impressões em um caráter íntimo, em um espaço que possibilita a confidencialidade e a abertura perante o destinatário. Dessa forma, “mudando de acordo com a época, espera-se que o seu conteúdo traga novidades do cotidiano, da vida política e pessoal, reflexões, confidências e expressões de sentimentos” (Vasconcellos, 2008, p. 381). A carta, portanto, situa aquele que lê (quer fosse o seu destinatário, o próprio autor, ou aquele que, hoje, o faz por meio da pesquisa arquivística) no seio de intermitências inacessíveis a público, mas possíveis pela *intimidade das confidências*<sup>4</sup>.

#### 4 Escritas de si: o autor perante o outro

Dessa constituição que se pode acessar, portanto, a vida do autor: ele se materializa e registra *através* das cartas<sup>5</sup>. Sobretudo se considerarmos que, dado o volume e a regularidade das correspondências, Hecker Filho de fato escreveu a si mesmo – uma espécie de biografia *in*

---

<sup>4</sup> Empréstimo da expressão utilizada no texto – e indicada no título – do artigo supracitado (“A intimidade das confidências”, de autoria de Eliane Vasconcellos).

<sup>5</sup> Fonte: Acervo Paulo Hecker Filho. Delfos/PUCRS. Optou-se pela costura indireta das cartas visando a preservação da propriedade intelectual e do direito de autoria dos agentes envolvidos. O projeto de pesquisa vinculado ao acervo tem por metodologia a consulta e pesquisa ao material com fins de pesquisa científica. Por não se tratar de material editado e publicado, a citação direta não é indicada, salvo em reproduções pontuais.

*continuum* – ao longo das missivas trocadas semana a semana com a sua rede de sociabilidade. Num panorama totalizante, é possível determinar, pelo recorte de sua produção, três fases da biografia intelectual do autor: a primeira corresponde aos anos de 1948 a 1957; a segunda, de 1957 a 1980; e a terceira se materializa a partir de 1985 e se estende até o final de sua vida, em dezembro de 2005.

No primeiro período, entre o final da formação na Faculdade de Direito e o início de uma pulsante carreira literária, Hecker Filho manifestou, diversas vezes, a tentativa de *tornar-se escritor, tornar-se poeta*. “Sou poeta/não sou poeta”, de um lado da missiva; “És poeta”, do outro, são asserções constantes. É nessa fase que publica escritos em diversos gêneros: *Diário*, 1949 (diário-ensaio); *Ah! Terra*, 1950 e *Patética*, 1955 (poesia); *Na paz da lua*, 1951 (contos); *Internato*, 1951 e *O digno do homem*, 1957 (novela); *O adolescente*, 1952, *O provocador*, 1957 e *Teatro*, 1958 (teatro); *Triângulo*, 1952 (novela, teatro e poesia); e *A alguma verdade*, 1952 (crítica).

Em seu acervo epistolar estão documentadas a recepção do *Prêmio Parks* – concedido pelo Instituto Brasil-Estados Unidos e tendo como jurados Henrique Pongetti, Alceu Amoroso Lima e Gilberto Freyre – e a repercussão das obras de maior impacto naquela Porto Alegre provinciana, justamente as duas novelas, *Internato* e *O digno do homem*, em que Hecker Filho retrata, com naturalidade e transparência, a relação de personagens homossexuais com acuidade psicológica. Nas cartas, percebe-se um autor já preparado para o esperado impacto das obras e a defesa dos temas levantados, consciente de suas proposições. Do outro lado das missivas, muitas vezes estão postos o temor de uma reação conservadora – como de fato houve, resultando inclusive na censura à editora – e a incerteza quanto ao projeto levado à cabo por Hecker Filho.

Também no período, revelam-se as suas incursões pelas revistas literárias (*Quixote*, *Fronteira* e *Crucial*), principal meio de inclusão ao campo literário naquela década de 1950, orbitando a Faculdade de Direito e propondo uma renovação da literatura sul-rio-grandense. A trajetória do jovem intelectual neste período foi destacada por Guilhermino Cesar (1952, p. 158): “Inteligência aguda, penetrada de sentido dramático, paixão literária evidente, Paulo Hecker Filho mexe com os nervos do provinciano, pela ousadia, pela segurança íntima com que afirma e defende postulados estéticos”. Neste mesmo artigo, publicado na Revista Província de São Pedro, Cesar (1952) destaca a “capacidade de contágio” de Hecker Filho, que atuava, naquele campo, como uma figura aglutinadora entre um grupo expressivo de jovens.

A partir de 1957, inaugurando uma segunda fase, mais madura e duradoura, desenvolve-se a sua faceta crítica, quando passa a colaborar com ensaios e artigos de crítica literária para diferentes periódicos nacionais. Destaque para a atuação em dois grandes espaços: o caderno *Suplemento Literário*, do jornal O Estado de S. Paulo e o *Caderno de Sábado*, no Correio do Povo, então periódico de maior circulação no Rio Grande do Sul. Situado entre a província e a metrópole, Hecker Filho publicou centenas de artigos. No recorte dos dois principais veículos, totalizam-se 211 artigos publicados. Sabe-se, no entanto, que o autor também publicara no *Diário de Notícias*, no *Estado de Minas* e na *Zero Hora*, além de contribuições pontuais para diversos outros.

Não se constituindo como vínculo empregatício, tampouco como atividade com regularidade garantida, temos, através das correspondências, a compreensão do fluxo de suas contribuições. Por vezes, o autor recebia “encomendas” de textos por parte dos editores – muitas delas querendo saber sobre o panorama da literatura sul-rio-grandense para informar os leitores do centro do país – e, por outras, escrevia artigos e os submetia aos editores, cuidando da sua publicação. Em certas ocasiões, revelam-se idas e vindas, desventuras e insatisfações com a dinâmica de edição, tendo cada texto uma história própria (desde a idealização até a sua feitura, envio, publicação e posterior recepção).

A partir de 1974, tem-se uma redução de espaço do autor no periódico paulista e, no ano de 1977, uma polêmica marca os últimos passos da trajetória de Hecker Filho junto ao Correio do Povo. A partir da publicação do artigo “Não é poesia”, a respeito do livro *Somos poucos*, de Carlos Nejar, um intenso embate se forma nos bastidores. Na semana seguinte, Nejar publica, nesse mesmo espaço, “Não é crítica”. Aos editores, Hecker Filho envia diversas cartas na tentativa de obter uma réplica da resposta, sem sucesso. A partir do episódio, somente três artigos de sua autoria puderam ser localizados nas páginas do caderno, caracterizando a sua perda de espaço no veículo.

Na sequência, a incursão pelo jornal *Zero Hora*, a partir de 1980, indicaria apenas uma mudança de ambiente, com grande entusiasmo por parte do autor, diante do espaço, reconhecimento e remuneração pelos primeiros dois textos aí veiculados. Experimentando irregularidade e incerteza, no entanto, o entretempo que se desenvolve até 1985 pode ser considerado um período transitório. Nessa época, o autor inicia uma recuperação da antiga vocação poética, reunindo textos e iniciando debates com a sua rede, ensaiando um retorno às publicações literárias.

Nas duas décadas seguintes, Hecker Filho se dedicou à poesia, tendo realizado publicações praticamente anuais. A partir de *Perder a vida* (1985) – obra vencedora do Prêmio Cassiano Ricardo, no ano seguinte –, que reinaugura o universo poético do autor, temos mais desenvolvido um perfil da poesia *heckeriana*, como pode ser definido por Klumb:

[Um aspecto] que é necessário recuperar quanto às questões temáticas de *Perder a vida*, é a problemática da morte [...]. O elemento morte pode ser encontrado no decorrer de toda a obra poética heckeriana. Mesmo em *Ah! Terra Diário em poemas*, o autor já dispensa versos nesse sentido. O que muda é que esse tema vai ganhando vigor com o passar dos anos, tornando-se uma espécie de força motriz em alguns de seus poemas. Assim como a vida, a morte é abordada sob diversos prismas e encontra especial destaque nas obras finais do autor. A própria noção de perder a vida, referenciada no título da obra, é amplificada, pois o eu lírico vai transformando sua visão até chegar ao ponto de afirmar que a vida não passa, ela é cotidianamente perdida (Klumb, 2021, p. 84).

Estão presentes, ainda (Klumb, 2021), a questão existencial, como pano de fundo na poética *heckeriana*, o memorialismo e o dualismo, enquanto eixos para a compreensão da poesia do autor. No âmbito das correspondências, abrem-se as portas à recepção das obras. O autor, tantas vezes do outro lado, passa a receber a leitura de sua obra por diversos agentes da cultura sul-rio-grandense. Reinserido no sistema literário porto-alegrense enquanto escritor, dialoga inclusive com os novos autores e intelectuais que estão conquistando espaço naquele período, como é o caso de Martha Medeiros e Luís Augusto Fischer, respectivamente.

Aliás, no que se refere à recepção, não se pode deixar de lado um aspecto fundamental da atividade crítica de Hecker Filho e de seu compromisso com a literatura. Em seu acervo epistolar, encontram-se inúmeros exemplos de autores – desde os amadores aos mais consagrados – que recorreram à análise do crítico para dar destino aos seus textos e até à carreira literária. Sincero, atento e rigoroso, o autor não se privava de responder, detalhadamente, os originais submetidos, devolvendo-os com pareceres, anotações e até reescritas, quando julgava necessário.

Em seu compromisso com a literatura, pode-se dizer que “o autor faz da própria vida uma grande seara literária na qual vai construindo sua visão acerca do sistema que coloca a literatura em movimento” (Klumb, 2021, p. 102). O capítulo final de sua trajetória fora posto nas cartas até as suas últimas linhas. Encontram-se no seu acervo cartas trocadas na mesma semana de sua morte, mencionando muito brevemente a realização de exames de rotina, sem qualquer alusão a uma fragilidade física nos momentos derradeiros. Fiel à escrita de sua história, escreveu a si mesmo e veiculou os rastros de sua memória dos primeiros aos últimos envelopes.

## Considerações finais

É próprio do estudo de correspondências um desafio, tanto maior quanto maior for o volume de cartas de que é composto o acervo, no que se refere a identificar, entre os rastros do passado, aqueles que se diferenciam da vida pessoal e cotidiana e aqueles que recriam a atividade intelectual – e literária propriamente – para a compreensão do sujeito *escritor*, agente de um campo. A prática de pesquisa, amiúde, se depara com fios muitas vezes soltos e fragmentados, sendo necessário buscar aqueles que caminham para uma costura da vida intelectual.

Felizmente, o acervo epistolar de Hecker Filho apresenta riqueza ímpar de materiais de estudo para a compreensão do sistema literário sul-rio-grandense, atravessando toda a segunda metade do século XX. Ao dialogar e abrir portas a diferentes níveis – dos mais aos menos consagrados – o autor oportuniza, por meio das cartas, não só um retrato de si, mas também de toda a rede com a qual se comunica, evocando e sendo evocado constantemente (do que é prova a regularidade e a extensão do acervo).

Esses materiais tornam possível o entendimento dos bastidores e das configurações desse sistema e reverberam, ainda hoje, no entendimento da formação da literatura sul-rio-grandense pela perspectiva de um importante agente (um dos seus principais críticos literários, destacado poeta e exímio polemizador). Tal entendimento só é possível através de mecanismos de conservação da memória cultural, sendo o Delfos um importantíssimo espaço para esta constituição. É a partir dele que hoje estão resguardados documentos da memória do Rio Grande do Sul e a partir dele que podemos compreender parte significativa de sua cultura.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lucia Machado. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 431 p.

CÉSAR, Guilhermino et al. Livros e Idéias. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 17, p. 157-159, 1952.

COMPAGNON, Antoine. *A era das cartas*. Tradução: Laura Taddei Brandini. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019. 189 p. (Série: Humanitas Pocket).

DELFOs Espaço de Documentação e Memória Cultural. Acervo Paulo Hecker Filho. [s.d.]. Biblioteca Central Irmão José Otão (PUCRS), Porto Alegre.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Vega. 2006. p. 129-160.

HECKER FILHO, Paulo. *Autores Gaúchos*: Paulo Hecker Filho. 2. ed. Porto Alegre: IEL, 1998. 53 p. (Série: Autores Gaúchos).

HECKER FILHO, Paulo. Oswald de Andrade. In: *CRUCIAL*. Porto Alegre: Livraria do Globo, v. 3, set. 1952.

KLUMB, Mateus. *A poética de Paulo Hecker Filho*. 2021. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9524>. Acesso em: 27 out. 2025.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna. In: *Fórum Nacional do Patrimônio Cultural*, 1. Anais. V. 1. Ouro Preto: IPHAN, 2009, p. 25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 534 p.

SCLIAR, Moacyr. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Hecker Filho. In: Acervo Paulo Hecker Filho (Delfos/PUCRS). Porto Alegre, 02 set. 1985. 1 carta manuscrita.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, Brasil, n. 8-9, p. 372-389, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/teresa/article/view/116762..> Acesso em: 2 jun. 2025.